

Fernanda de Souza
Almeida

DANÇA E EDUCAÇÃO

30 experiências
lúdicas com crianças



DANÇA E EDUCAÇÃO

30 experiências lúdicas com crianças

Copyright © 2018 by Fernanda de Souza Almeida
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Buono Disegno**

Imagem da capa: **Shutterstock**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Santana**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	9
Antes de atar os nós	13
Construindo redes	15
1 Corpo: sensações e percepções	23
2 Movimento e ações corporais	45
3 Espaço	65
4 Ritmo e musicalidade	85
5 Artes integradas	99
6 Lançando além-mar	119
Referências bibliográficas	123

Prefácio

Um título pode parecer algo simples. Um título e/ou um nome buscam abranger todo um conjunto de ideias, intenções, ações e desejos. Um título é um símbolo, uma característica que abarca um modo de pensar, de ser, de estar e agir no mundo.

Começo a experienciar o título deste livro pela preposição “com”. Sem fragmentação (termo usado por Fernanda de Souza Almeida e colaboradores), enquanto escrevo, essa experiência é intelectual, emocional, física. As preposições, como é sabido, são conhecidas por estabelecerem conexões de sentidos entre dois termos de uma frase. No caso em questão, a preposição “com” liga “experiências lúdicas *com* crianças”. Faz diferença? Sim, muita.

No âmbito da dança e educação, e em qualquer outro, *para* crianças apresenta o mundo adulto determinando o que as crianças devem fazer. Usar *para* seria colocar o mundo adulto em desconexão com o mundo infantil.

Das ou *pelas* crianças seria também tornar os sistemas simbólicos de adultos e crianças incomunicáveis – e, sabemos, a criança é produtora de cultura, tem autonomia, mas esta é relativizada, inclusive pela própria sobrevivência. Ou seja, a criança precisa do adulto para orientá-la.

Com crianças traz uma escuta, uma ação de comunicação entre os mundos adulto e infantil. Apresenta – aos professores, aos artistas e a todos que necessitam aprender, estudar, pesquisar e continuar a se formar na relação com a cultura e com a dança infantil – uma abertura em relação à correlação de mundos e a um ponto de vista baseado no lugar de fala das crianças.

Entretanto, mais que um ponto de vista, é um modo de experimentação, de estudo. Ele é dançado por Fernanda de Souza Almeida e colaboradores. *Co(m)partilhar mundos adulto e infantil* nas “30 experiências lúdicas com crianças” reintegra a noção de continuidade entre um e outro (adulto e criança), em um processo multidirecional e, sobretudo, respeitoso. É muito fácil ser autoritário. É muito fácil magoar as crianças. É muito difícil agir no processo de mediação educacional delas. Fernanda de Souza Almeida e colaboradores nos fazem entender que a mediação é um processo do qual as crianças também são parte. A autora mostra, ainda, que a dança que ensina – de modo educativo, ou seja, que busca emancipar pelo ensino – também é parte desse processo (de mediação).

As metáforas empregadas no texto são cuidadosas. Elas não são meras figuras de linguagem (verbal), mas também um modo de proceder do corpo.

O termo “*lúdicas*” (em forma da ação em vez de abstração) no título (e no livro) é apresentado em referência à elucidativa proposição do professor Cipriano Luckesi. Lúdico é um estado da pessoa, seja criança, adolescente, jovem ou adulto. Lúdico é integração de si mesmo e com o mundo entorno. Ações lúdicas não são passatempo, são contributos à formação da criança, são ações emancipadoras para que a criança desenvolva um papel ativo na definição de seu próprio estar na dança, no mundo.

Dança no título (e no livro) configura uma espacialidade convidativa a muitas possibilidades de se dançar: “danças de rua (*breaking* e *krump*), balé, danças brasileiras (*coco*, *cacuriá*, *capoeira*) e *creative dance*”. Cada uma delas feita em sistemática profusão criativa no desenvolver das “30 experiências”. Cinco “nós” as organizam: 1. “Corpo: sensações e percepções”; 2. “Movimento e ações corporais”; 3. “Espaço”; 4. “Ritmo e musicalidade” e 5. “Artes integradas”. Há uma estrutura logicamente orgânica: – “tema”; “participantes”; “objetivos”; “estratégias”; “sequência didática” e o desenvolvimento com descrições, os quais, tenha a certeza, transparecem investigação entrelaçada *com* as crianças. Ainda com extremo cuidado, temos sutis interpretações, tais como “dica”; “contextualizando”, “conversa docente”, permeadas de inquietações, buscas e comprometimentos que interpelam modos de fazer e analisar danças e a docência em dança *com* crianças.

Aproveitemos e (*com*)partilhemos a relevante contribuição deste livro com a dança no Brasil e, reafirmo, com as crianças. Temos nestas ricas experiências uma atitude de contundente inserção engajada na dança e na educação da dança, um vínculo com um pensamento crítico social, educacional e artístico pleno. Não se iluda! Não são guias, não são receitas! Fernanda de Souza Almeida não retém informações! Ela (*com*)partilha conhecimentos. Oferece 30 experiências lúdicas, a partir das quais – por conta da sua abertura ao futuro, aos impactos das transformações – poderemos buscar outras muitas mais.

Lenira Peral Rengel

Antes de atar os nós

A ideia deste livro surgiu ao término da primeira edição do projeto de extensão Dançarelado, vinculado ao curso de licenciatura em Dança da UFG, concomitantemente à conclusão da orientação de três belíssimas pesquisas, todas marcando uma forte e significativa presença em escolas públicas de Goiânia e região.

Para a realização dessas quatro ações, houve um grande investimento de energia, emoção, pensamento e tempo de uma equipe de seis pessoas comprometidas que vislumbravam a oferta de uma educação sensível, criativa e de qualidade às crianças.

Ao final desse processo, contávamos com acervo de quase 50 experiências dançantes mediadas em contexto educacional infantil. E, no desejo de socializar algumas delas com demais professores, selecionamos, aprimoramos e reescrevemos 30 delas.

Dessa forma, relevo ao leitor que cada componente da equipe concebeu e trabalhou em pelo menos três intervenções descritas aqui, além da colaboração na leitura dos manuscritos.

Nesse contexto, não posso deixar de agradecer e dar os devidos créditos a essas guerreiras que me acompanharam ao longo de todo esse processo, bem como convidar o leitor a buscar por suas pesquisas na íntegra. São elas:

Letícia Fonseca de Abreu – “Alice através dos tempos: contando histórias para dança” e “Se eu conto, você dança?”

Jéssica Tavares de Faria – “Brincadeira de rua: uma abordagem lúdica de ensino do *breaking* na escola”

Patrícia Ferreira da Silva – coautora do artigo “Se eu conto, você dança?”

Taynara Ferreira – “Dançar e Brincar: uma experiência de balé com crianças pequenas”

Yone Martins Souza Milet – “Dança e educação infantil: uma experiência multietária no projeto de extensão Dançarelado”

A elas, respeito, gratidão eterna e estimas de caminhos sempre abertos e iluminados.

Construindo redes

O ser humano é uno...

O corpo não fragmenta...

As linguagens dialogam...

As artes se integram...

A dança transdisciplina...

E as crianças?

Ah! As crianças...

Elas nos ensinam a conectar, costurar, interagir,

Mergulhar de cabeça, inteiras,

Nos universos subjetivos, imaginários, expressivos e sensoriais.

Um dinamismo complexo entre dança, criança, lúdico e educação no qual nasce este livro, proveniente de nossas vivências profissionais, especialmente das ações em projetos de extensão e de pesquisa com crianças entre 2 e 10 anos de idade.

Um desejo de compartilhar experiências e contribuir com a formação de professores em dança – descartando a produção de “receitas de bolos” – e a sugestão de atividades que já realizamos com a pequenada, inundadas de dicas de músicas, vídeos, leituras extras e transposições a diferentes espaços onde a educação atravessa, de maneira formal ou não.

Um livro que, além da oferta de 30 sequências didáticas completas, assumiu o desafio de dialogar com a teoria, apontando possíveis desdobramentos em projetos educativos. Uma escrita mais aprofundada e cuidadosa para que o docente se aproprie com autonomia, criando outras perspectivas.

São propostas em arte que almejam a expansão da criatividade, da sensibilidade, expressividade e do conhecimento de si, do outro e do meio; com conceitos:

ENTRE-

LAÇADOS

Com isso, entre... Tire os sapatos, deite, sintase, role no chão, maravilhe-se, dance sua dança e só depois realize as vivências com as crianças; sobretudo, adapte-a a cada contexto, elaborando outras possibilidades. Use e abuse. Conceba cada sugestão de maneira flexível, assim como quando um pescador lança sua rede ao mar. Ela nunca invade a água de maneira uniforme – umas partes descem antes de outras, vão ondulando até se assentar.

E, nesse balanço, as propostas foram organizadas em cinco nós que compõem nossa rede dançante:

Corpo: sensações e percepções. Seis sequências didáticas completas e dicas com foco na consciência do corpo: sentidos, articulações, partes do corpo, apoios, eixo, transferências de peso e postura.

Movimento e ações corporais. Segundo conjunto de vivências com o cerne nas ações corporais (Laban, 1990; Rengel, 2008; Almeida, 2016): saltar, girar, rolar, dobrar, esticar, torcer e tantas outras opções de movimentos que podem compor as mais diferentes danças.

Espaço. Nessa reunião de atividades corpo e espacialidade dialogam, envolvendo os conceitos de níveis, progressão, formas, direção, espaço pessoal/cinesfera (Laban, 1990; Rengel, 2008; Almeida, 2016), entre outros.

Ritmo e musicalidade. Seis sequências completas e dicas com eixo nas relações entre dança, som, ritmo, melodia, harmonia, percussão corporal e música.

Artes integradas. Quinto e último conjunto de vivências com cerne na integração das linguagens, sendo a dança o carro-chefe. Aqui, são apresentadas propostas de dança e contação de história, dança e tecnologia, dança e desenho.

Uma rede feita a muitas mãos, com laços que anunciam uma organização didática e o foco de cada atividade, sem, contudo, projetar uma hierarquia, ordenação ou fragmentação entre elas ou entre os conceitos e elementos da dança; isso porque o mundo do conhecimento não está dividido em assuntos escolares. Desse modo, desejamos investir em uma reconfiguração da educação que categoriza tudo, apostando na arte com sua potência de integrar, romper fronteiras e convidar à experimentação, à sensação, invenção, criação e ao brincar. “Arte é totalidade. E não é de totalidade que estamos em falta na educação?” (Ostetto, 2014, p. 11)

Ademais, cada vivência aqui descrita, antes de ser sugerida às crianças, foi experimentada por nós em um exercício de refletir sobre as necessidades de adequação e alteração e na tentativa de compreender o ponto de vista dessa gente miúda. Tal ação contribuiu para uma práxis mais segura, elaborada, (in)corporada, com sentido e próxima da infância, bem como com nossa profissionalidade docente lúdica e criativa.

Nesse contexto, ressaltamos a importância de o professor experimentar em seu corpo, arriscar, sentir a sensação e a alegria de

cutucar e ser cutucado, abrindo espaço para a imaginação e o espanto. Esses momentos de encontros e trocas foram de extrema importância para a diversificação de nossos repertórios e a expansão do pensamento e sentimento. Momentos que, como afirma Ossetto (2014), nos ajudaram a balançar nossas certezas pedagógicas, abrindo espaço para o cultivo da dúvida: potência do ato criador.

Durante esse processo, ficou evidente a busca partilhada de uma equipe que, impulsionada pelas palavras de Brotto (2003) – sobre nenhum de nós ser tão bom e inteligente quanto todos nós –, trabalha coletivamente para tecer diversas redes.

Destacamos também que as 30 experiências ora são em dança com seus elementos gerais (sem uma forma propriamente dita), ora têm seu cerne em linguagens como as danças de rua (*breaking* e *krump*), balé, danças brasileiras (coco, cacuriá, capoeira) e *creative dance*. Sempre atravessadas pelo lúdico, pela descoberta do corpo e pela exploração do movimento e em diálogo com um grupo geracional específico, sem, contudo, rotular as características das crianças. As projeções etárias estão em função de nossa vivência docente, entretanto incentivamos o ensaio com outras idades, realizando as alterações necessárias.

A respeito do lúdico, Luckesi (2005) afirma que uma atividade lúdica é aquela que propicia a plenitude da experiência, buscando uma entrega total: mental, emocional e física; é um momento de imersão, de mergulho na vivência que vai além do sentido mais simplista do senso comum sobre o riso e a diversão. Desse modo, o lúdico pode ser concebido com uma ação de muita seriedade para a criança, muitas vezes *possuída* por um impulso criador e uma inspiração livre e vigorosa.

Nesse contexto, o lúdico é particular e individual; o que é prazeroso e envolvente para um pode não o ser para o outro. Com

isso, pensar em uma intervenção que dialogue com o lúdico é, antes de mais nada, olhar sensivelmente para o grupo e (re)pensar, constantemente, as proposições, diversificando-as.

Em relação à dança, Almeida (2016) comenta que o acolhimento do lúdico como uma estratégia para mediar a dança com a pequenada demonstra-se viável devido ao seu caráter dinâmico, criativo e atraente, sem ser rotineiro. Dessa forma, utilizar elementos do lúdico como jogos, brinquedos, brincadeiras, brinquedos cantados (terminologia utilizada para brincadeiras de roda, de mãos e outras em que as crianças cantam enquanto brincam) e faz de conta, em vivências dançantes, é essencial às crianças, pois se torna um atrativo que possibilita um estado de prontidão, atenção, disponibilidade, autonomia e interação com seus colegas e educadores.

Com isso, almejamos que as experiências socializadas neste livro despertem o interesse por uma educação mais prazerosa que coloque os pequenos como centro do processo, valorizando seus talentos, sensibilidades, imaginações e inteligências criativas ao compreender o mundo. Um passo em direção a uma melhor qualidade do processo educacional infantil, no qual a arte seria um dos pilares centrais.

Nesse sentido, a criança é concebida como um ser diferente do adulto; não melhor ou pior. Ela possui outro campo de percepção; vê aquilo que a vista opaca do cotidiano dessa gente crescida não enxerga mais. “Ou seja, as crianças não sabem menos, elas sabem outras coisas” (Simão e Rocha, 2007, p. 5). Sendo assim, a interação entre adulto e criança deve ser de parceria, diálogo, escuta, apoio; ambos se inspiram, fortificando diferentes modos de ver, sentir e fazer.

Ademais, essa pequenada possui um mundo peculiar, autêntico, no qual sua curiosidade, sensibilidade, criatividade e capacidade

de de produção simbólica são expressas em gestos e movimentos. São seres que se constituem plenamente corpo e se envolvem sensorialmente com as coisas, objetos e outras pessoas, potencializando o sentido do tato (Sayão, 2002). Isso pode ser notado pela necessidade de mexer, fuçar, pegar; ou por um abraço súbito que ganhamos, uma mão que acaricia nosso cabelo de repente; mas também quando brigam e o corpo todo participa da ação.

Portanto, é fundamental valorizarmos o movimento, o brincar, as relações e interações, oferecendo diversas possibilidades para expandir suas potencialidades. Segundo Carbonell (2016), as potencialidades das crianças são ilimitadas, e, se há limites, estes estão em quem as vê e não nelas mesmas.

Nesse contexto, o encontro entre dança e infância pode ser frutífero, desde que essa dança não se resuma a passos, repetições sem sentido, elaborações de coreografias para datas festivas ou mímicas de letras de música. Sim, aprender o passo pode fazer parte do processo e é necessário para a compreensão de determinadas manifestações artísticas e culturais, assim como as apresentações também contribuem com a formação em/pela arte. Entretanto, reduzir a oferta da dança a essas escolhas é minimizar a força sensível, criativa, autônoma e simbólica que essa linguagem carrega.

Sobre isso, é necessário que as vivências em dança com as crianças estejam em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009, art. 9), quando apontam sobre garantir experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.

Com base em tal aspecto, se a dança objetivar apenas a mímica das letras da música e a produção de passos “corretos”, todos juntos e ao mesmo tempo, ela se afastará desse princípio.

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão; gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

Nesse sentido, seria interessante a oferta de múltiplas vivências pautadas nos elementos gerais e nas diferentes manifestações da dança. Mas, e se eu trabalho no contraturno, ou no ambiente educacional não formal ministrando aulas de balé? Ao longo do livro apontaremos algumas sugestões e dicas de modificações, que atravessam diversas danças.

III - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura.

Assim, buscamos que a dança dialogue com as demais linguagens para a compreensão da arte como um todo, investindo na potência de um trabalho integrado: dança e desenho; dança e poesia; dança e dramatização; dança e música, e outros encontros possíveis e, por que não, impossíveis.

E foi nesse impulso que elaboramos, escolhemos e experimentamos cada vivência descrita, no desejo de socializar ações em dança nos diferentes ambientes educacionais; com ideias e sugestões de possíveis abordagens.

Sabemos que a realidade é inexaurível, entretanto acreditamos na riqueza das trocas. Proposições sensíveis e criativas vêm sendo

realizadas, e estas precisam ser compartilhadas, debatidas e sistematizadas para que possamos fortalecer a dança na escola. Nesse contexto, a socialização de experiências práticas em diálogo com a teoria poderá auxiliar na efetiva inserção dessa linguagem no contexto escolar, além de favorecer a formação de professores que atuarão nessa área, (re)conhecendo as amplas possibilidades da dança e percebendo como modificar suas práticas.

Então... Sejam bem-vindos! A casa é nossa; um espaço arejado, sem muros e com muitas janelas que nos permitem lançar outros olhares a outras paisagens!

Boa leitura e boas danças!

1

Corpo: sensações e percepções

Na dança, o corpo é um dos elementos fundamentais, matriz geradora de sua expressão, um instrumento dos gestos plenos de significado, permeado por um universo cultural plural e complexo (Siqueira, 2006).

As experiências corporais, potencializadas pelo envolvimento sensorial, têm centralidade nas relações e intervenções das crianças, sejam consigo mesmas, com o outro, com as coisas ou com objetos. Nesse sentido, as vivências em dança podem favorecer aos pequenos a ampliação das percepções e sensações sobre seu corpo de maneira sensível, aprofundada e criativa, transformando-o em material de investigação (Andrade, 2016).

Desse modo, as intervenções podem pautar-se nas noções de anatomia, por meio do estudo prático e teórico da estrutura esquelética, das articulações, de partes do corpo, de dimensões e tamanhos, das alavancas e das graduações do tônus.

Em especial, a experimentação de diversas possibilidades de apoiar o peso do corpo no chão, na parede, nos objetos e nos colegas, com diferentes partes e em variadas posições (decúbito ventral, dorsal, lateral), aguça a percepção da ação da gravidade e a distribuição da força entre os ossos e músculos.